

198

ÁFRICA DO SUL COMO PÓLO DE PODER: DO ISOLACIONISMO À LIDERANÇA REGIONAL. *Alexandre Fogaça Damo, Letícia dos Santos Marranghello, Paulo Gilberto F Visentini (orient.)* (UFRGS).

O foco da pesquisa na África do Sul insere-se em uma tese mais ampla sobre o desenho atual do sistema internacional. Com a queda da URSS, emergiram duas correntes de pensamento que divergem radicalmente sobre a possível configuração de poderes após o fim do sistema bipolar: a primeira defende a neohegemonia americana; a segunda, o surgimento de uma multipolaridade. Nessa pesquisa, partimos do pressuposto de que o fim da Guerra Fria *enfraquece* a hegemonia estadunidense, levando o sistema internacional a um período de transição, instável e turbulento, que tende a constituição de uma ordem multipolar. Partindo desse pressuposto, questionamos se estaria surgindo uma possível potência regional no sul da África? Qual seria o papel da África do Sul nesse sistema? E se a África do Sul poderia ser um desses pólos de poder? A fim de responder a esses questionamentos, tivemos de nos amparar não apenas na historiografia, mas também na busca de dados oficiais (discursos de Chefes de Estado e de dirigentes de Organizações Internacionais, além de documentos governamentais e de Organizações Internacionais) sobre o tema. Com efeito, notamos que, após o fim do regime do apartheid (1994), a política externa sul-africana passou a ser mais convergente e, principalmente, mais amistosa em relação à do continente africano. Arelada as modificações na conjuntura das Relações Internacionais (no sistema internacional e nas relações intra-regionais), o país tem a favor de sua liderança regional uma economia pujante, com um PIB quase duas vezes maior que o do segundo colocado do continente (Egito). Entretanto, essa integração não é pré-determinada e nem independente do desenvolvimento das forças que compõem as Relações Internacionais e Intra-regionais.